



## IDENTIDADES SOCIAIS NA FALA-EM-INTERAÇÃO: UMA PROPOSIÇÃO DO ESTUDO DE IDENTIDADES COMO CATEGORIAS DE PERTENCIMENTO

### SOCIAL IDENTITIES IN THE TALK-IN-INTERACTION: ONE PREPOSITION OF STUDY OF IDENTITIES WHICH MEMBERSHIPS CATEGORIZATION

Jakeline Aparecida Semechechem<sup>1</sup>

**RESUMO:** Nesse estudo partindo de uma abordagem de identidade contemporânea e pósmoderna (HALL, 2000; WOODWARD, 2000; GIDDENS, 2002), na qual a identidade é dinâmica, não fixa, instável, fragmentada, plural, construída e negociada na interação social é apresentada uma abordagem para os estudos de identidade, na perspectiva da linguagem como ação social, com enfoque na orientação teórico - metodológica da Análise da Conversa Etnometodológica (ANTAKI; WIDDICOMBE, 1999) e em questões de identidades sociais, relacionadas ao estudo das categorias de pertencimento, *membership categorization analyses* (MCA), análise de categorias de pertencimento (SCHEGLOFF, 2007).

**PALAVRAS-CHAVE:** linguagem; identidades; categorias de pertencimento.

**ABSTRACT:** Starting from the approach of contemporary identity and postmodern (HALL; WOODWARD, 2000; GIDDENS, 2002), in which identity is dynamic, not fixed, unstable, fragmented, plural, constructed and negotiated in social interaction. This study focus on an approach to the study of identity, in the view of language as social action, focusing on theoretical - methodological orientation of the Conversation Analysis (ANTAKI; WIDDICOMBE, 1999) and on issues of social identities related to the study of categories of membership, membership categorization analysis (MCA), analysis of categories of membership (SCHEGLOFF, 2007).

**KEY-WORDS:** language; identities; membership categorization.

## 1 INTRODUÇÃO

As áreas do conhecimento vêm considerando identidade numa perspectiva teórica não-essencialista. O paradigma no qual o sujeito era tido como um sujeito centrado, unificado, cuja identidade permanecia sempre a mesma no decorrer de toda a vida (HALL, 2000), aos poucos, se desunificou. E é nessa perspectiva não-essencialista, com a visão de um sujeito não unificado, que as

<sup>1</sup> Mestranda em Letras - Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com período de vigência em 2009 e atualmente é docente da Faculdade Alvorada (UNIALVORADA).



identidades tem sido abordadas na modernidade, na pós-modernidade e modernidade tardia nas diversas áreas do conhecimento. Nesse viés de sujeito, interação e identidade, numa perspectiva dinâmica e plural por vezes fragmentada e em crise (GIDDENS, 2002).

A partir dessa visão de identidade não-essencialista, pós-moderna, construída plural e instável na e pela interação, em que a construção social e negociação de identidades se dão através da linguagem social e práticas sociais, que os estudos de identidade têm convergido, embora em cada área haja peculiaridades, podendo ser estas similaridades ou diferenças.

Abordagens antropológicas, sociológicas e sociolinguísticas têm considerado identidade como um contínuo processo de construção, constituído por significados fluídos e de criação social (RICKFORD; ECKERT, 2001 *apud* WILLIAMS, 2008). Nos Estudos Culturais, a identidade é considerada como fluída, não fixa, marcada pela diferença, ela só adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais ela é representada (WOODWARD, 2000). Sendo assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social.

Nas Ciências humanas, a perspectiva plural, multifaceada, transitória interpelada na interação e pela interação, também é subsidiada pela Análise Crítica do Discurso (ADC). Nessa perspectiva, as pessoas têm “suas identidades construídas de acordo com o modo através do qual se vinculam a um discurso – no seu próprio e nos discursos dos outros” (SHOTTER; GERGEN, 1989, ix, *apud* MOITA LOPES, 2002, p.32).

Em síntese tais abordagens sobre identidade nas diferentes áreas convergem com a perspectiva contemporânea da pós-modernidade, identidade é dinâmica, não fixa, instável, fragmentada, plural, construída e negociada na interação social, ou seja, considerada “as fluid and construct in linguistic and social interactional<sup>2</sup>” (PAVLENKO; BLACKLEDGE, 2004, p.8) e construídas histórica e socialmente sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998).

Considerando que as pessoas passam por muitas atividades no dia-a-dia e cada uma traz diferentes demandas, elas mostram diferentes aspectos de suas identidades, tendo, por exemplo, que assumir papel de pai, casal, vizinho, paciente etc. Deste modo, as pessoas estão posicionadas em papéis e há exigências impostas a elas, formas adequadas de agir, e as pessoas geralmente sabem o que fazer. Contudo, os papéis não são fixos e imutáveis, são categorias (SCHEGLOFF, 2007) em

---

<sup>2</sup> Como um fluído e construto na linguística e na interação social.



que as pessoas se encaixam ou são encaixadas; alguém pode ser negro, feminino, de classe média, mãe, estudante e mostrar aspectos salientes dessas identidades em cada situação (BARTON, 2007).

Sendo assim, nesse artigo é apresentada uma abordagem para os estudos de identidade, na perspectiva da linguagem como ação social, com enfoque na orientação teórico - metodológica da Análise da Conversa Etnometodológica e em questões de identidades sociais, relacionadas ao estudo das categorias de pertencimento, *membership categorization analyses* (MCA), análise de categorias de pertencimento (SCHEGLOFF, 2007). Desse modo, o artigo é assim organizado: primeiramente aborda questões de identidades na interação social por meio da linguagem sob o enfoque teórico-metodológico da Análise da Conversa Etnometodológica, na sequência destaca questões centrais para o estudo de identidades na perspectiva da análise de categorias de pertencimento (MCA), posteriormente apresenta uma análise de identidades sociais no viés teórico-metodológico enfatizado e por fim, algumas considerações finais acerca do estudo de identidades na perspectiva da análise de categorias de pertencimento (MCA).

## **2 IDENTIDADES NA FALA EM INTERAÇÃO: IDENTIDADE COMO PRÁTICA E AÇÃO SOCIAL**

Considerando a natureza intersubjetiva da identidade que é construída e tornada relevante e negociada na interação pela ação e prática social de linguagem, “roles, and memberships in interaction that contributes to the construction of identity, which can be studied through the detailed, sequential examination of interaction” (CASHMAN; WILLIAMS, 2008) abordaremos o estudo de identidades na perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) (SACKS; SHEGLOFF; JEFFERSON, 1977, 2005, 2007). Tal pressuposto teórico-metodológico se torna relevante por dar conta de tratar de identidade na sua natureza conversacional/interacional como prática e ação social que emerge pela linguagem e na linguagem, uma vez que resumidamente a ACE analisa a organização da interação turno a turno, observando como os participantes realizam ações coordenadas para manter a ordem nas atividades sociais através de suas condutas verbais e não verbais (KASPER, 2009).



No viés da Análise da Conversa Etnometodológica, o *locus* é a fala-em-interação. Através das ações produzidas pelo uso da linguagem, as identidades tornadas relevantes podem ser observadas na sequencialidade da tomada de turnos, de reparo e da organização da fala em interação. Cashman (2008) destaca que a Análise da Conversa é consistente na abordagem sobre identidade, uma vez que analisa a construção e negociação de identidade quando elas se demonstram relevantes para os participantes, numa perspectiva êmica<sup>3</sup>.

A partir da literatura de Sacks, Antaki e Widdicombe (1999) propõem cinco atitudes para analisar identidades numa perspectiva Etnometodológica e da Análise da Conversa: de acordo com a primeira proposição, para que seja identificada alguma identidade, é preciso identificar aspectos na ação dela de alguma categoria. Não podemos atribuir categorias a uma pessoa se ela não tem características comuns àquela determinada categoria, daí a relevância do enfoque no dispositivo de categorização de pertencimento (MCA), discutido a seguir.

Conforme a segunda proposição, indexicalização e ocasionalidade, é preciso levar em consideração, para a construção de sentido, os momentos em que ocorre dada interação. Por exemplo, expressões como “eu”, “aqui”, etc, vão ter sentidos diferentes de acordo com o momento em que acontecem e não pelo significado da palavra. A terceira proposição aponta que a identidade é tornada relevante na interação em curso. Antaki e Widdicombe (1999) destacam, a partir dos estudos de Schegloff (1991), que, na análise, devem ser consideradas as categorias para os quais os participantes estão orientados na interação.

De acordo com a quarta proposição, as identidades estão na consequencialidade da interação, isto é, na interação identidades podem ser visíveis quando tornadas relevantes pela orientação dos participantes. Por fim, conforme a quinta proposição, todos esses aspectos destacados para o estudo de identidade são visíveis na estrutura da conversação, na organização da fala-em-interação.

No que tange à análise de identidades, na perspectiva da Análise da Conversa, têm sido recorrentes estudos que, através da análise do sistema de tomada de turno e/ou reparo, evidenciam identidades sociais ligadas a contextos institucionais (DREW; HERITAGE, 1992), como identidade de professor, aluno, médico, cliente, juiz, depoente etc. (CORONA, 2009).

---

<sup>3</sup> “A perspectiva êmica privilegia o ponto de vista dos membros da comunidade sob estudo e assim tenta descrever como os membros da comunidade atribuem sentido a um certo ato ou à diferença entre dois atos diversos” (DURANTI, 1997, p. 172 *apud* GARCEZ, 2008, p.24).



Para ilustrar a análise de identidades relacionadas a contextos institucionais, citamos Lopes (2009), que realizou um estudo no qual buscou investigar identidades negociadas pelas alunas estagiárias do curso de Letras Espanhol, quando ministravam aulas em turmas do ensino médio de escola pública. A pesquisadora evidenciou que as estagiárias, quando ministravam as aulas de estágio, assumiam e tinham sua identidade de professoras co-sustentada na maioria das vezes, uma vez que os alunos ratificavam as estagiárias quando estas orquestravam a tomada de turno em sala de aula, os alunos co-sustentavam a avaliação das professoras na sequência Iniciação-reposta-avaliação (IRA), sequência típica de aulas, co-sustentando assim as identidades de professoras das estagiárias.

Em relação a um contexto não institucional, a análise de identidades em conversa cotidiana, na qual um dos participantes não tem objetivos ou metas a cumprir (HERITAGE, 1992; CORONA, 2009), destacamos o trabalho de Willians (2005 *apud* WILLIANS, 2008) que analisou a construção local de papéis sociais em uma família bilíngue chinês-americano. Nesta, ela examinou a negociação de autoridade em uma discussão entre mãe e filha. A filha usava alternância de código e volume alto para construir autoridade e mudar seu próprio papel de filha e desconstruir o papel parental de autoridade de sua mãe. A mãe usava alternância de código para rejeitar as ameaças à sua autoridade, feita pela constituição dos turnos alterados da filha e reforçar seu papel de autoridade de mãe.

Na fala-em-interação, as identidades também são estudadas a partir de conceitos de categorias de pertencimento *Membership Categorization* (SACKS, 1972, 1992; ANTAKI; WIDDICOMBE, 1999; SCHEGLOFF, 2005, 2007). São exemplos de estudo de identidade com esse enfoque, trabalhos como de Egbert, Niebecker e Rezzara (2004), Almeida (2004/2009), Abeledo (2008), Fortes (2009) e Kasper (2009). No Brasil são estudos seminais de identidades a partir dos conceitos de categorias de pertencimento, os trabalhos de Almeida (2004/2009), Abeledo (2008) e Fortes (2009).

Sacks salientava que membros de uma cultura ordenam conhecimento categoricamente de acordo com suas percepções e interpretações do mundo social. As pessoas organizam o conhecimento relevante conforme tópicos ou tarefas em coleções de categorias (MAZELAND; ZAMAN – ZADEH, 2004).

Egbert, Niebecker e Rezzara (2004) destacam que Sacks estava interessado em descobrir que características na interação eram tidas como bases de categorias e como práticas interacionais de categorização poderiam ser descritas. Suas investigações contribuíram para a compreensão de



*membership category device* (SACKS, 1972a, 1972b), mecanismo usado pelos interactantes para construir e identificar categorias de pertencimento, isto é, como características são usadas para categorização.

Sacks introduziu o dispositivo de categorização de pertencimento *membership category device*, em 1964. Ele definiu “apparatus the MIR device. (...) ”M” standes for membership, “I” stands for inference-rich, and “R” stands for representative” (SACKS 1992, 1995, VOL 1 p.41 *apud* EGBERT; NIEBECKER; REZZARA , 2004, p.200). MIR está relacionado a membro, inferência e representação e também indica que um membro de uma categoria é subjetivo ao conhecimento amplo social sobre a respectiva categoria.

Identidades frequentemente são ligadas a categorias de pertencimento (SCHEGLOFF, 2005) que não são simples agregados de categorias, mas organizados em coleções de categorias. Assim, categorias semelhantes estão organizadas na mesma coleção (KASPER, 2009), por exemplo, categorias como feminino e masculino estão na coleção relacionada a sexo; idade, criança, adolescente, adulto e idoso compõem a coleção idade; italiano, polonês são pertencentes à coleção etnicidade Há também categorias relacionadas à ocupação e outras mais restritas (SCHEGLOFF, 2007). As categorias também podem estar relacionadas às atividades das pessoas. Sacks (1992), na sua denominação *category-bound activities* “atividades ligadas a categorias”, destaca que há atividades consideradas características dos membros de determinadas categorias. Assim, por exemplo, quando se menciona ou se realiza uma atividade é tornada relevante uma categoria à qual essa atividade está ligada (ABELED0, 2008).

De acordo com Antaki e Widdicombe (1999), uma pessoa pode ser membro de várias categorias, o que implica que as pessoas têm uma cadeia de características. Isso não significa que categorias implicam características, mas, sim, que características implicam em categorias. Essas coleções de categorias são usadas na interação para se referir às pessoas com termos de referência para tais categorias de pessoas.

Entretanto, conforme destaca Schegloff (2007), a categorização das pessoas, de acordo com as categorias que compõem as coleções, não são equivalentes às referências e nem as referências das pessoas equivalentes à categorização. O termo categorias de pessoas pode ser usado para fazer referências, mas também pode ser usado para outras ações, como, para fazer descrições. Já fazer referências às pessoas pode ser feito pelo uso de termos de categorias de pessoas, mas também pode ser feito pelo uso de outros modos, como pelo nome, por exemplo.



Nessa perspectiva de explicar como membros geralmente usam categorias para se referir às pessoas é utilizado o termo categoria de pertencimento *membership categorization* (SACKS, 1972, 1995a, 1995b; SCHEGLOFF, 2007 *apud* KASPER, 2009) e o estudo dessas categorias de pertencimento é chamado de *membership categorization analyses* (MCA), análise de categorias de pertencimento.

O estudo de categorias proposto por Sacks, é diferente das abordagens mais familiares no campo das ciências sociais. Em linguística aplicada, por exemplo, têm se emparelhado categorias, como nativo – falante não nativo, falante L1 - falante L2, professores estudantes, mulheres, homens, adulto, criança, rotineiramente usados como recursos analíticos, sem a atenção a como essas categorias são tratadas nos dados analisados pelas pessoas categorizadas (KASPER, 2009), ou seja, sem a perspectiva êmica.

De acordo com Schegloff (2007), é primordial, para estudar a categorização de pertencimento, enfocar como os participantes se orientam de forma relevante para as categorias e para os seus dispositivos, isto é, analisar como as categorias são geradas na interação. “Interactants can make a particular identity category relevant in conversation simply by referring to category bound activities that index a particular MCD” (GREER, 2008, p.101), ou seja, as categorias só podem ser reconhecidas nas atividades em que os membros se engajam (KASPER, 2009).

Se os participantes “são” isto ou aquilo em termos de seu pertencimento a certas categorias identitárias (por exemplo, “pai, homem, amigo, do lugar, convidado, oponente, marido, colega, professor, parceiro de equipe, íntimo, conhecido, estranho, irmão, filho, especialista, calouro, falante nativo, neófito (...) não se faz recurso a isso como elemento constituinte da interação, a menos que se possa demonstrar que os participantes estão sustentando – conjuntamente e no aqui-e-agora interacional – essa identidade como relevante para o que está sendo feito (GARCEZ, 2008, p. 33).

Em síntese, tais categorias de pertencimento dependem do trabalho interacional em lugares e em tempos situados, uma vez que o pertencimento a uma categoria pode ser atribuído e rejeitado, evitado ou não evitado, exposto ou ignorado (ANTAKI; WIDDICOMBE, 1999). Na próxima seção será ilustrada com a análise de uma interação, as identidades sociais a partir desse enfoque teórico.

### **3. QUANDO AS IDENTIDADES SE TORNAM RELEVANTES: UM ENFOQUE DE IDENTIDADES NA MCA**

**Jakeline Aparecida Semechechem**



Nesta seção será apresentado o percurso analítico do estudo de identidade social no viés da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), com enfoque na análise de categorias de pertencimento (MCA). Para isto será analisada uma sequência interacional de um evento em aula<sup>4</sup>. O segmento de aula analisado corresponde a transcrição de um evento filmado em áudio e vídeo de uma aula de Geografia de uma 3ª.série do Ensino Médio de um colégio da rede estadual de ensino na região sudeste no Paraná. Nessas aulas estava sendo desenvolvido um projeto, cujo objetivo era produção de um jornal sobre um tema abordado no livro didático. A turma foi dividida em equipes de seis a oito alunos. Rita solicitava que, enquanto ela interagisse com algum grupo para orientar o trabalho, que os demais fossem trabalhando na organização atividade. A figura a seguir apresenta a disposição física participantes da interação do evento analisado.

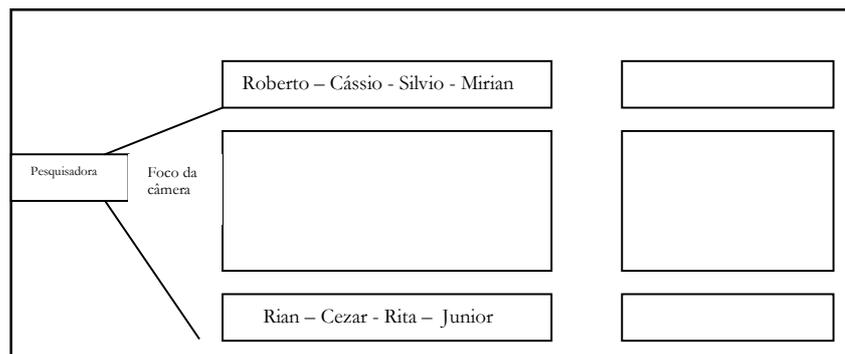


Figura1: Disposição física dos participantes do evento no pátio do colégio

<sup>4</sup> Os dados e a análise aqui apresentados são recortes da dissertação de mestrado “Práticas letradas na comunidade e na escola em município multilíngue/multicultural no sudeste do Paraná”. Todos os participantes da sequência interacional analisada são identificados por pseudônimos, garantido assim a preservação de suas identidades reais.



O segmento analisado corresponde ao evento em que Rita interagia com a equipe de Roberto, Cássio, Silvio, Mirian, Junior, Cezar e Rian. O tema da equipe era relacionado a Agrotóxicos. O excerto a seguir mostra como Rita procura engajar os alunos na conversa sobre o tema.

**Excerto 1** (Segmento 5 “Conversa e discussão sobre o texto escrito” - Aula de Geografia - 18/03/2009 – 00:00:19)<sup>5</sup>

77 Rita: o que que é agricultura >orgâni:ca<  
78 (0,8)  
79 Rita: é uma saí:da de não usar (.) agrotóxico.  
80 (0,9)  
81 Rita: >o que que é:??<  
82 (3,2)  
83 Rita: >não tem nenhum agricultor< aí:  
84 (1,5)  
85 Rita: não::? ((direciona a face para Junior que acena negativamente  
86 com a cabeça))  
87 (0,7)  
88 Rian: °o Cezar°.  
89 (.)  
90 Rita: você °( )° ((direciona a face para Cezar))  
91 (.)  
92 Rian: o Cezar morava no Tiju:co.  
93 (0,6)  
94 Rita: oi lá ó::  
95 (2,4)  
96 Rita: vamos,  
97 (.)  
98 Cezar: <agricultura orgânica é:>(.) usar esterco essas coisas.  
99 (0,7)  
100 Rita: isto? não usa nenhum tipo de agrotóxi:co (.) só que (.)é lógico  
101 que é muito saudável (.) mui:to melhor,  
102 (0,8)  
103 Rita: e hoje a tendência é: a gente (planta)=  
104 Silvio: =°ninguém num planta°=  
105 Rita: =i:sso (.) qua:l o problema >por que que ninguém faz<  
106 Cezar: °se você plantar sem por o veneno°, se suja você vai ter que  
107 carpi:r ((Rita sinaliza que sim com a cabeça))(.) perde muito  
108 tempo, perde dinheiro=  
109 Rita: =tem que trabalhar mai:s  
110 Cezar: =trabalhar mais °° ( ) °° ((direciona a face para mesa))  
111 e o veneno não: (.) vocês gasta, mais além de ser mais rápido  
112 ele.  
113 (0,4)  
114 Rita: e a minha saú:de?

<sup>5</sup> As convenções usadas nas transcrições fazem parte da perspectiva teórico-metodológica da ACE e encontram-se em anexo.



115 (1,2)  
 116 Cezar: saúde °professora°  
 117 (0,8)  
 118 Rita: e daí eu °faço o que°.  
 119 (0,7)  
 120 Cezar: °°( )°° ((Rita sinaliza positivamente com a cabeça))  
 121 (0,8)  
 122 Rita: então: olha só (.) agricultura orgânica é plantar °sem a  
 123 utilização° (.) sem agrotóxi:co nenhum (.) só que aí é que nem  
 124 ele falou (.) por que que todo mundo não fa:z (.) porque passar  
 125 o veneno é muito mais fá:cil, você passou °( )°  
 126 (1,1)

Nessa sequência, a partir de uma opção para a não utilização de agrotóxicos apontada no livro didático, Rita faz uma iniciação *o que que é agricultura >orgânica<* (linha 77), com entonação enfática e prolongamento de vogal. No entanto, como após uma pausa de oito décimos de segundos (linha 78), ela não obtém resposta para sua iniciação, ela reformula sua pergunta dando dicas para a resposta *é uma saída de não usar (.) agrotóxico*. (linha 79). Mesmo assim os alunos não se autosselecionam para responder à iniciação feita por Rita (linha 77). Após nove décimos de segundo (linha 80), Rita toma novamente o turno e repete a parte da iniciação anterior *>o que que é:??<* (linha 81) com fala acelerada, prolongamento de vogal e entonação ascendente. No entanto, como nenhum dos alunos se autosseleciona na pausa interturno de três segundos e dois décimos de segundo (linha 82), Rita toma o turno *>não tem nenhum agricultor< aí:* (linha 83). Após um segundo e cinco décimos de segundo de silêncio (linha 84), ela pergunta *não::??* (linha 85) com prolongamento de vogal e entonação ascendente e direciona a face para Junior que sinaliza negativamente com a cabeça. Após sete décimos de segundo (linha 87) Rian se autosseleciona e, com tom de voz baixo e descendente, diz: *°o Cezar°*. (linha 88) revelando o pertencimento de Cezar à categorização de agricultor. Na sequência Rita toma o turno e ratifica Cezar com interlocutor endereçado *você° ( )°* (linha 90). No entanto, ainda Cezar não toma o turno em adjacência e, após menos de três décimos de segundos de pausa interturno (linha 91), Rian toma o turno novamente e relata que Cezar morava em uma comunidade rural *o Cezar morava no Tiju:co*. (linha 92).

Na sequência, Cezar não toma o turno, não assumindo a sua categorização (SCHEGLOFF, 2007) de agricultor feita por Rian (linha 88). Após seis décimos de segundos de silêncio (linha 93), Rita toma o turno novamente *oi lá ó::* (94) ratificando a fala de Rian (linhas 88 e 92) de que tinha um agricultor no grupo e que este era Cezar. Cezar, por sua vez, não toma o turno em adjacência. Após



dois segundos e quatro décimos de segundo de silêncio, Rita toma o turno novamente e, em tom imperativo, *vamos*, (linha 92) sinaliza que Cezar deve tomar o turno. Desse modo, Cezar, após três décimos de segundo, toma o turno <*agricultura orgânica é:*>(.) *usar esterco essas coisas*. (linha 98) e fornece a resposta da iniciação feita por Rita (linha 77). Além disso, ele assume desse modo a categorização de agricultor (SCHEGLOFF, 2007), feita por Rian (linha 88).

Rita, em adjacência, após sete décimos de segundo de pausa interturno (linha 99), ratifica a fala de Cezar, *isto? não usa nenhum tipo de agrotóxico* ( linha 100). Após um tempo de oito décimos de segundos (linha 102), ela toma o turno novamente e, na sua elocução (linha 103), *e hoje a tendência é: a gente (planta)*. Assim com o uso da palavra *gente*, para se referir ao pronome *nós*, acaba se associando também à coleção (SCHEGLOFF, 2007) de um grupo que planta. Talvez com isso ela legitima a categorização daqueles que plantam e os alunos se sentem autorizados a participar e também para se associar à categoria daqueles que plantam, o que se evidencia nas linhas subsequentes, quando Silvio (linha 104), em uma elocução contígua a de Rita e em tom de voz baixo =*ninguém num planta*°, destaca que ninguém planta conforme Cezar e Rita tinham destaque. Já em seguida, contíguo ao turno de Silvio, Rita toma o turno, ratifica Silvio e rediz a afirmação dele, transformando-a em uma iniciação =*isso* (.) *qual o problema >por que que ninguém faz*< (linha 105), marcada pelo prolongamento de vogal e entonação enfática. Em adjacência e em uma elocução contígua, Cezar se autosseleciona e explica por que é preferível plantar utilizando agrotóxicos °*se você plantar sem por o veneno*°, *se suja você vai ter que carpir* ((Rita sinaliza que sim com a cabeça)) (.) *perde muito tempo, perde dinheiro* (linhas 106, 107 e 108). Rita, durante a elocução de Cezar, ratifica-o positivamente sinalizando positivamente com a cabeça e, em uma elocução contígua, ela complementa a resposta dele =*tem que trabalhar mais* (linha 109) e é ratificada por ele que retoma a afirmação de Rita e continua a sua elocução =*trabalhar mais* °° ( ) °° ((*direciona a face para mesa*)) e o *veneno não:* (.) *vocês gasta, mais além de ser mais rápido ele*. (linhas 110, 111 e 112).

Desse modo, evidencia-se pelas falas de Cezar, apresentadas nas linhas 98, 106, 107, 108, 110, 111 e 112, que ele tinha a resposta para a iniciação feita por Rita (linha 77); no entanto, não se autosselecionou, podendo ser para não revelar seu pertencimento à categorização de agricultor ou por não achar legitimado e autorizado em fornecer a resposta a partir do conhecimento de seu pertencimento àquele grupo social. Mesmo Rian categorizando-o como agricultor e Rita ratificando-o, Cezar não assumia seu pertencimento a essa categorização. Quando Rita, de certo modo, “impõe”



(linha 96) que ele tome o turno, este assume seu pertencimento ao grupo que fora categorizado, porém, suas elocuições são breves (linha 98). Depois que Rita ratifica sua fala (linha 100) e, de certo modo (linha 103), coloca-se próxima ao grupo daqueles que plantam, com o uso do “a gente”, Cezar sente-se ratificado, com discurso legitimado e sem muito problema para se associar ao pertencimento de agricultor como fora categorizado, e isso se evidencia nas suas elocuições (linhas 106, 107, 108, 110, 111 e 112). Nesse caso, embora a categoria tornada relevante fosse rejeitada, Rita faz com que o pertencimento e a categorização rejeitada, seja assumida, garantindo, assim, a sequencialidade do evento e o cumprimento da tarefa institucional.

Enfim, nesse segmento interacional, a partir da análise de identidades sociais no viés da análise de categoriais de pertencimento (MCA) (SCHEGLOFF, 2007) evidenciou-se que o pertencimento rural, a categorização de agricultor, a identidade social rural, foi tornada relevante, rejeitada, porém assumida, quando a professora, pela autoridade de seu papel social e institucional faz com que Cezar (excerto 1) tome o turno e se associe ao grupo que fora categorizado, e, ao ratifica-lo, também faz com que ele sinta seu pertencimento legitimado por ela e, conseqüentemente, tome o turno outras vezes.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo objetivou-se apresentar uma abordagem para os estudos de identidade, na perspectiva da linguagem como ação social, com enfoque na orientação teórico - metodológica da Análise da Conversa Etnometodológica e em questões de identidades sociais, relacionadas ao estudo das categorias de pertencimento, *membership categorization analyses* (MCA), análise de categorias de pertencimento (SCHEGLOFF, 2007).

Esse enfoque como visto dá conta de estudar as identidades em sua natureza interacional, conversacional e intersubjetiva. Desse modo, as identidades analisadas não são definidas *a priori*, mas sim aquelas tornadas relevantes na interação, sendo essas não fixas, dinâmicas e muitas vezes contestadas ou rejeitadas, como mostrou a análise da sequência interacional em aula.

Ademais, tais estudos de identidades são importantes para questões interacionais de sala de aula, uma vez que além de os modos de participação nas aulas estarem relacionados as atividades propostas, estes podem estar associados em tornar ou não relevante questões de pertencimento e



identidade social. Por isso, a necessidade de estudos situados em sala de aula que enfoquem as categorias e identidades tornadas relevantes e de que modo estas são contestadas, rejeitadas e por vezes aceitas.

Enfim, a Análise da Conversa Etnometodológica (ACE) e análise de categorias de pertencimento (MCA) são proposições relevantes para o estudo de identidades sociais, estudos esses ainda incipientes nos estudos de identidades no Brasil, sendo seminais como já exposto os estudos de Almeida (2004/2009), Abeledo (2008) e Fortes (2009), além de, outros estudos principalmente realizados pelo grupo Interação Social e Etnografia (ISE) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELED, M.L.O.L. **Uma compreensão etnometodológica da aprendizagem de língua estrangeira na fala-em-interação de sala de aula.** Tese de doutorado, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

ALMEIDA, A. N. **Construindo contextos:** a produção de identidades masculinas na fala-em-interação. Dissertação de mestrado em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

\_\_\_\_\_. **A construção de masculinidades na fala-em-interação em cenários escolares.** Tese de doutorado em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

ANTAKI, C; WIDDICOMBE, S. **Identities in talk.** London: Sage, 1999.

BARTON, D. **Literacy:** an introduction to the ecology of writing language. 2. ed. Oxford: Blackweel, 2007.

BULLA, G. **A realização de atividades pedagógicas colaborativas em sala de aula de português como língua estrangeira.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PPG-Letras, UFRGS, 2007.

CASHMAN, H. R. Conversational and Interactional Analysis. In: WEY, Li; MOYER, Melissa G. **The Blackweel Guide to Research Methods in Bilingualism and Multilingualism.** Blackwell Publishing, 2008. p.275-295.



CASHMAN, H. R; WILLIAMS, A. M. Introduction: Accomplishing identity in bilingual interactional. In WATTS, R. J. et al (Eds). **Multilingua: Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication**. Berlin/ New York: Mout de Gruyter, v.27 – 1/ 2, 2008. p. 1-12.

CORONA, M. D. Fala-em-interação cotidiana e fala-em-interação institucional: uma análise de audiências criminais. In: LODER, L. L.; JUNG, N. M. **Análises de fala-em-interação institucional: a perspectiva da análise da conversa etnometodológica**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

DREW, P.; HERITAGE, J. Analyzing talk at work: an introduction. In: DREW, P.; HERITAGE, J (Org.). **Talk at work: interaction in institutional settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p. 3-65.

EGBERT, M; NIEBECKER, L; REZZARA, S. Inside first and second language speakers' trouble in understanding. In: GARDNER, R; WAGNER, J. (Eds). **Second language conversations**. London: Continuum, 2004. p. 178-200

FORTES, M. F. **Uma compreensão etnometodológica do trabalho de fazer membro na fala-em-interação de entrevista de proficiência oral em português como língua adicional**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. In: LODER, L. L; JUNG, N. M. **Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008, p. 17 – 38.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GREER, T. Accomplishing difference in bilingual interaction: Translation as backwards-oriented médium repair. In: WATTS, R. J. et al (Eds). **Multilingua: Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication**. Berlin/ New York: Mout de Gruyter, v.27 – 1/ 2, 2008. p. 99-128.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

KASPER, G. Categories, context and comparison in Conversation Analysis. In: NGUYEN, H, T; KASPER, G (Orgs). **Talk-in-interaction: Multilingual Perspectives**. Hawaii: National Foreign Language Resource Center, University of Hawaii, 2009. p. 1-28.

LODER, L. L. O modelo Jefferson de transcrição: Convenções e debates. In: LODER, L.; JUNG, N. (Orgs.). **Fala-em-interação social: Introdução à Análise da Conversa Etnometodológica**. Porto Alegre: Mercado de Letras, 126-161, 2008.

LOPES, M.F.R. **A negociação de identidades de professor na sala de aula de estágio de língua espanhola**. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2009.



MAZELAND, H; ZAMAN – ZADEH, M. The logic of clarification: some observations about Word-clarification repairs in Finnish-as-a-Lingua Franca interactions. In GARDNER, R; WAGNER, J. (Eds). **Second language conversations**. London: Continuum, 2004. p. 132-156.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

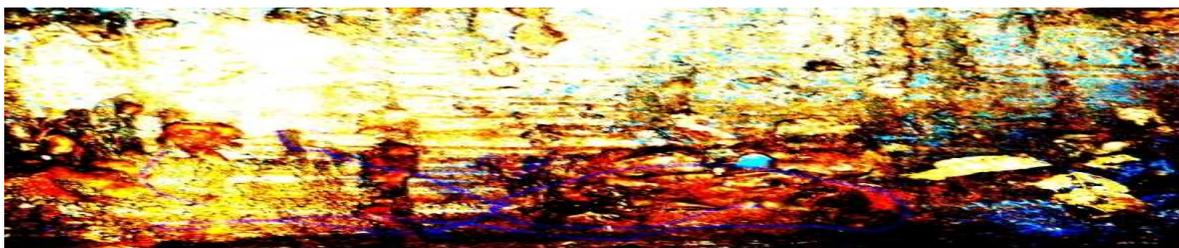
PAVELENKO, A; BLACKLEDGE, A. Introduction: New theoretical Approach to the Study of Negotiation of Identities in Multilingual Contexts. In: PAVELENKO, A; BLACKLEDGE, A (Orgs). **Negotiation of Identities in Multilingual Contexts**. Canada/ Australia: Multilingual Matters Ltd, 2004. p.1-33.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?. In: SIGNORINI, I. **Lingua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 21-46.

SCHEGLOFF, E. A. A tutorial on membership categorization. **Journal of Pragmatics**, 39, 2007, p. 462-482.

WILLIAMS, A. M. Brought-along identities and the dynamics of ideology: Accomplishing bivalent stances in a multilingual interaction. In: WATTS, R. J. et al (Eds). **Multilingua: Journal of Cross-Cultural and Interlanguage Communication**. Berlin/ New York: Mout de Gruyter, v.27 – 1/ 2, 2008. p. 37-56.

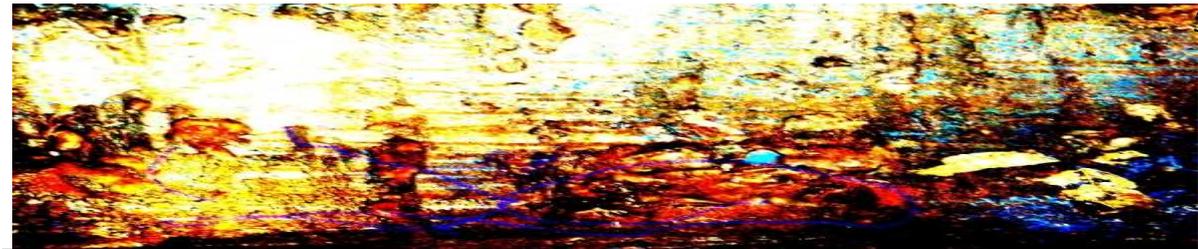
WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Editora Vozes: Petrópolis, 2000, p. 07 – 72.



## ANEXO

CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO REFERENTE A ELEMENTOS VERBAIS <sup>6</sup>		
PROSÓDIA		
Alterações de frequência (relacionadas à entonação)		
.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação intermediária
:	(dois-pontos)	prolongamento do som
↑	(flecha para cima)	som mais agudo do que os do entorno
↓	(flecha para baixo)	som mais grave do que os do entorno
-	(hífen)	corte abrupto na produção vocal
Alterações de intensidade (também relacionadas à cadência rítmica)		
<u>fala</u>	(sublinha)	ênfase em som
<b>FAla</b>	(maiúscula)	som em volume mais alto do que os do entorno
°fala°	(sinais de graus)	som em volume mais baixo do que os do entorno
°°fala°°	(sinais de graus duplos)	som em volume destacadamente mais baixo do que os do entorno
Demais alterações também relacionadas à cadência rítmica		
>fala<	(sinais de maior do que e menor do que)	fala acelerada

<sup>6</sup> Adaptado de Bulla (2007) e Loder (2008).



<fala>	(sinais de menor do que e maior do que)	fala desacelerada
<b>Pausas (também relacionadas à cadência rítmica)</b>		
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	silêncio de menos de 2 décimos de segundo
<b>DEMAIS SINALIZAÇÕES REFERENTES À FALA</b>		
( )	(parênteses vazios)	segmento de fala que não pôde ser transcrito
[ ]	(colchetes)	fala sobreposta (mais de um interlocutor falando ao mesmo tempo)
=	(sinal de igual)	elocuições contíguas
hh	(série de h's)	indica aspiração ou riso
<i>palavra</i>	(citação em itálico da fala no texto)	citações de elocuições dos excertos no corpo do texto
<b>Maria</b>	(pseudônimo)	nome fictício para a identificação do participante da interação
♀	(símbolo de feminino)	menina não identificada
♂	(símbolo de masculino)	Menino não identificado
((olhando para teto))	(parênteses duplos com texto)	descrição de atividade não verbal ou outra observação do transcritor